

De olho na UFPR

Informativo da Associação dos Professores da
Universidade Federal do Paraná
Seção Sindical do ANDES-SN
Edição nº 03 | Julho de 2010

Impresso
Especial
9912208195/2008 DR/PR
APUFPR-SSIND

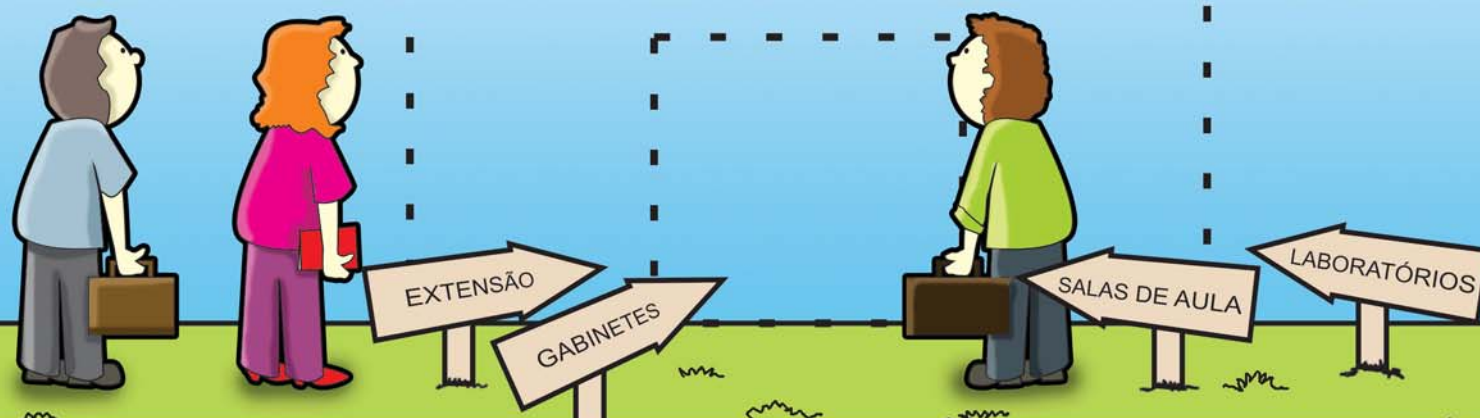
...CORREIOS...



APUFPR-SSIND

Início do semestre letivo...

NOVAS VAGAS



Obras em andamento na UFPR

PARTE I

não resolvem problemas crônicos de falta de espaço

A terceira edição do Informativo *De Olho na UFPR* aborda mais um problema enfrentado pelos docentes da Universidade: a falta de espaço físico adequado para a prática de ensino, pesquisa e extensão em grande parte dos cursos da instituição.

Alguns setores sofrem com a necessidade de dividir um número limitado e insuficiente de salas de aula entre diversas turmas e cursos; para outros o problema maior é a falta de espaços para a instalação de laboratórios, salas de estudo ou bibliotecas. Há também programas de graduação pre-

judicados pelos tamanhos e condições inadequadas dos locais utilizados para substituir as salas de aula, como auditórios – que exigem maior esforço de voz dos docentes –, salas separadas por divisórias e a transformação de locais impróprios em sala de aula.

Essa série de problemas parecem pontuais e específicos de cada unidade de ensino da UFPR – aparentemente causados por ações também isoladas, como a criação de um novo curso sem a estrutura adequada –, mas fazem parte de uma política mais ampla que aponta para uma nova

orientação da função social das universidades públicas.

O cenário que se distingue por de trás da falta de estrutura adequada – agravada pela política de expansão do ensino sem garantia de estrutura e pela divisão do uso de salas e laboratórios com a iniciativa privada – é a compreensão de que as universidades devem oferecer ensino superior dissociado da pesquisa e de extensão; alheio a preocupação efetiva com a sua qualidade e com a formação de profissionais voltados a atender as necessidades e problemas sociais.

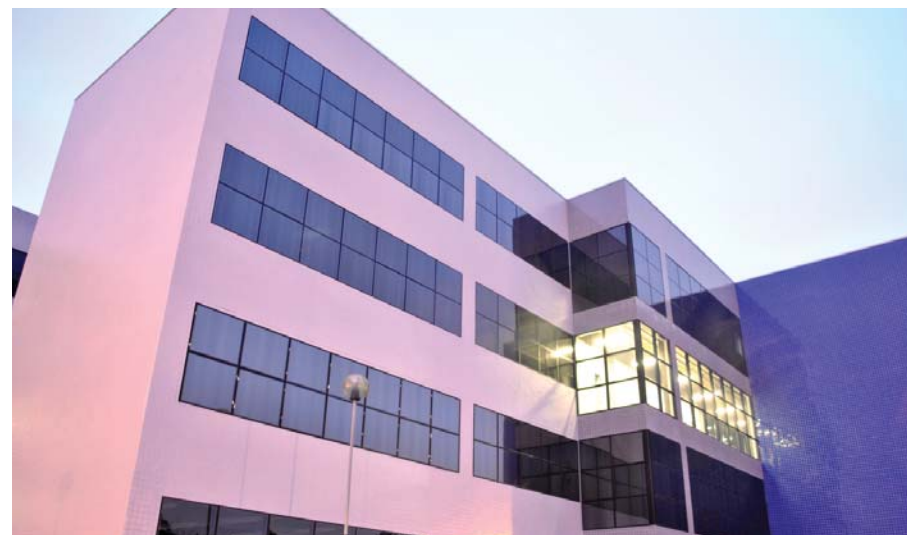
Esses problemas não são só prejudiciais à manutenção da qualidade do ensino, pesquisa e extensão na Universidade, como agridem também as condições de trabalho dos professores, que sofrem com o aumento constante do número de exigências, com mais alunos em sala de aula e mais orientações, sem a contrapartida necessária de contar com a infraestrutura adequada para desempenhar suas atividades.

A solução da condição que gera esses problemas depende de uma mudança estrutural no rumo da política para a educação brasileira, mas

dentro da UFPR muito pode ser feito. A APUFPR-SSind acredita que a Universidade deve assumir uma política de planejamento, de longo prazo, que preveja seu processo de expansão.

Para além de apenas dar respostas aos problemas que aparecem, a UFPR deve superar a fragmentação dos debates limitados aos departamentos e setores e realizar uma real discussão com o conjunto da comunidade acadêmica sobre os projetos de construção, planejamento do uso dos espaços e da abertura ou não de novos cursos e vagas.

Falta de planejamento e infraestrutura prejudicam o trabalho docente



Novo prédio inaugurado, no dia 10 de junho.

A falta de espaço físico dentro da Universidade Federal do Paraná é um problema crônico e generalizado. As demandas são inúmeras e chegam todos os dias à administração da Universidade. A falta de planejamento e de estrutura para os cursos de graduação e pós-graduação prejudicam a prática de ensino, pesquisa e extensão de qualidade dentro da instituição.

A ausência de uma política de ocupação racional dos espaços e a falta de discussão com a comunidade acadêmica fazem com que as decisões tomadas entre a Reitoria e as direções dos setores não solucionem as situações vivenciadas pelos docentes, técnicos administrativos e estudantes. “Os problemas acontecem porque as discussões sobre os destinos dos espaços não são coletivas ou não são do conhecimento da comunidade acadêmica”, coloca Fabiano Dalto, primeiro tesoureiro da APUFPR-SSind.

O curso de Gestão da Informação foi transferido em 2001 – do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes para o Setor de Ciências Sociais Aplicadas – e instalado em um edifício que, em sua origem, não foi planejado para recebê-lo. Ao todo, são 500 alunos na graduação e 40 estudantes no mestrado, criado há cerca de dois anos, também com pouca estrutura.

A parte administrativa destinada à pós-graduação de Gestão da Informação conta com uma sala dividida em três partes, onde funciona a secretaria do mestrado para atendimento aos alunos, o escaninho e o apoio com material didático.

Além da falta de espaço para a área administrativa, a pós-graduação também sofre com a ausência de laboratórios que possam oferecer qualidade no uso dos equipamentos. “Eu tenho duas máquinas que ficam no chão porque não há espaço físico para utilizá-las, os alunos não têm onde estudar, não temos nem sala para a coordenação”, declara o coordenador

do programa de pós-graduação em Ciência, Gestão e Tecnologia da Informação, José Simão de Paula Pinto.

A pós-graduação em Contabilidade também é afetada pela falta de estrutura física da Universidade. Segundo a coordenadora do programa, Márcia Bortolucci Espejo, as condições escassas fazem com que os laboratórios e a revista do mestrado funcionem dentro dos gabinetes dos docentes. “Nós fizemos uma solicitação de duas salas à direção do Setor, diante da construção do novo prédio, já que até mesmo a Aiesec terá uma sala no novo edifício, porém, não houve um retorno a esse pedido”, afirma Espejo.

O Setor de Ciências Sociais Aplicadas inaugurou, no dia 10 de junho, um novo prédio construído, principalmente, com recursos provindos do Programa de Apoio ao Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni). Segundo o chefe do departamento de Ciências Econômicas, Demian de Castro, os cursos que aderiram ao Programa terão prioridade pela ocupação dessas salas.

“Como os centros acadêmicos vão ter um espaço próprio, o local que era utilizado por eles ficará para o curso de Ciências Econômicas, mas precisa ser reformado. O curso de Administração, por ter uma demanda específica - dobrou o número de alunos em poucos anos - tem prioridade na ocupação das novas salas, entretanto, o curso de Gestão da Informação também sofre com a falta de espaço e acredito que deveriam receber mais infraestrutura”, diz Castro.

Um dos problemas que se perpetua dentro da instituição, é o fato da UFPR se comprometer com a criação de novas vagas sem a garantia de uma estrutura adequada. O curso de Terapia Ocupacional, que divide o espaço com os demais cursos da área no prédio do Setor de Ciências da Saúde, terá mais salas e laboratórios com a ampliação

de um dos blocos do campus Botânico que, segundo a Pró-reitoria de Administração, deve ser entregue no final de 2010.

Entretanto, mesmo antes de concluída a obra, já está prevista a abertura de uma nova turma com 60 alunos do curso de Terapia Ocupacional para o primeiro semestre de 2011. “As discussões sobre o projeto da ampliação do bloco didático foram iniciadas no

ano de 2000, junto com a criação do nosso curso, trata-se de uma parceria entre os cursos de Terapia Ocupacional e Enfermagem. Eu acredito que, caso não tivéssemos o bloco disponível, a nova turma não teria problemas nos primeiros semestres, mas com o passar do tempo, as condições ficariam complicadas”, conta a coordenadora do curso de Terapia Ocupacional, Rita Bernardi Pereira.

Novos projetos, problemas antigos

A criação de um novo setor, que contemple os cursos de Comunicação Social, Design, Artes e Música, no campus Juvevê é estudada por uma comissão formada por docentes de todos os cursos envolvidos. Essa discussão deve se tornar mais efetiva a partir de agora, pois a UFPR adquiriu o terreno do campus Juvevê, que pertencia ao Instituto Nacional do Seguro Social (INSS).

O curso de Comunicação Social, que antes era fixado no Prédio Histórico da UFPR e foi transferido para o campus atual, sofreu as consequências de uma mudança sem planejamento por parte da administração da Universidade. “Eu não acompanhei as negociações de perto, mas lembro que os professores informaram quais seriam as necessidades para o funcionamento do curso em outro local, mas, quando nos mudamos, não havia estrutura nenhuma. Os laborató-

rios vieram com o decorrer dos anos, fruto da pressão dos docentes, mas ainda hoje temos carências”, aponta o chefe do departamento de Comunicação Social (Decom), João Somma Neto.

Segundo Somma, atualmente o campus não possui estrutura para receber os demais cursos e o projeto do novo setor envolve um planejamento de infraestrutura e recursos humanos para as graduações e pós-graduações. “O prédio central deve ser mantido e um novo edifício precisa ser construído. Baseamo-nos no projeto do Setor de Ciências da Terra, que demorou cerca de quatro anos para ser concluído, então, se aprovado, provavelmente, em 2014 o novo setor deve entrar em funcionamento.” Conforme o docente, até lá, apenas o curso de Música teria condições de dividir o espaço e, ainda assim, nem todas as aulas poderiam ser ministradas no prédio.

Obras financiadas pelo Reuni não suprem todas as demandas da UFPR

O Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), aprovado em 2007, teve como consequência o agravamento do quadro da estrutura física da UFPR. O Programa estabelece metas para elevar a taxa de conclusão média em cursos presenciais e aumentar a relação professor/aluno, ao final de 10 anos de projeto. Entre as argumentações para a criação do Reuni, estava presente a ideia de que o espaço físico e os recursos humanos são subutilizados.

A UFPR tem utilizado os recursos disponibilizados pelo Reuni para ampliar o espaço físico da Universidade, entre os exemplos estão o bloco didático construído no campus Palotina e

inaugurado no final do ano passado e, mais recentemente, o novo bloco didático do Setor de Ciências Sociais Aplicadas e o prédio de convivência para os estudantes no mesmo Setor.

Porém, grande parte das obras realizadas na Universidade compensam carências anteriores à adesão da UFPR ao Reuni. A abertura de novas vagas e a criação de novos cursos e pós-graduações iniciam outros problemas relacionados à ocupação dos espaços.

De acordo com o professor do curso de Letras, Marcio Guimarães, no Setor de Humanas, Letras e Artes a situação é bastante crítica. “A abertura de mais vagas piorou uma situação que já era ruim, porque



já faltava sala de aula antes da implementação do Programa. O ideal para o curso de Línguas Estrangeiras Modernas seriam salas menores, mas aqui faltam salas de todas as maneiras”, diz.

A política de expansão das vagas,

efetivada sem um planejamento que garanta infraestrutura e sem a discussão com o conjunto da comunidade acadêmica, leva a precarização das condições de trabalho docente e a submissão da qualidade do ensino superior ao cumprimento de metas.

Inserção da iniciativa privada na UFPR

faz com que docentes e alunos se tornem visitantes do espaço público

A iniciativa privada cada vez mais cerca o ensino público. E, na maioria dos casos, com a autorização e apoio das administrações das universidades federais. São inúmeras parcerias firmadas entre o ensino que deveria ser público, gratuito e de qualidade com empresas que defendem os interesses do capital.

As instituições privadas se utilizam do espaço das universidades – que, em tese, existe para produção e apropriação de conhecimento voltado as demandas do conjunto da sociedade – para produzir pesquisas comprometidas com interesses comerciais ou relevantes para setores particulares da sociedade.

No caso da UFPR, os casos mais críticos estão relacionados ao convênio com o Instituto Tecnológico Simepar e o Instituto de Tecnologia

para o Desenvolvimento (Lactec), que afetam principalmente o desenvolvimento de pesquisas acadêmicas dos cursos de Engenharia Ambiental e Civil, respectivamente.

Segundo o pró-reitor de Administração Paulo Krüger, os casos estão sendo diretamente resolvidos pela administração da Universidade. “Essas duas empresas são situações a parte, porém, eu acredito que a intenção dessa administração também seja compartilhar com a iniciativa privada”, conta.

Entretanto, o acordo fechado com o Lactec há mais de 10 anos, permite que o Instituto gerencie os laboratórios pertencentes à UFPR e tenha prioridade sobre o uso das instalações e dos equipamentos, em detrimento da utilização pelos alunos e docentes.

Até mesmo travas eletrônicas são

usadas pela empresa para restringir o acesso de estudantes e professores, que podem adentrar aos laboratórios somente com crachá de visitantes.

“Eu não me coloco contrário a essas parcerias, mas a prioridade do uso das instalações e dos equipamentos deveria ser da UFPR. Essa é a nossa dificuldade, alunos e professores têm que pedir autorização e agendar horário para utilizar um patrimônio que é público”, conta o coordenador do curso de Engenharia Civil, Marcos Antônio Marino.

Na época em que o contrato foi assinado houve pouca ou nenhuma discussão com a comunidade acadê-



Laboratórios com travas eletrônicas

mica, de acordo com Marino, poucos professores foram chamados para a reunião que determinou a aprovação do contrato fechado entre UFPR e Lactec. “Em nenhum momento foi feita uma discussão ampliada, com a presença dos docentes dos departamentos envolvidos, nós não fomos

nem ao menos consultados sobre o acordo”, afirma.

Esses dois casos são exemplos da inserção da iniciativa privada no funcionamento das universidades públicas, ação que também se reflete na criação das fundações privadas ditas

de apoio, no projeto das Fundações Estatais de Direito Privado e com a criação de cursos pagos.

Para a presidente da APUFPR-SSind, Astrid Avila, essas iniciativas se tornam mais frequentes e problemáticas porque o Estado se exime da

responsabilidade de financiar a universidade pública, cenário em que a possibilidade de captar recursos próprios e gerar receitas por meio das empresas privadas torna-se mais tentadora. “Desde os anos 70, a insuficiência de verbas empurra as insti-

tuições de ensino para um processo de privatização interna que tem como consequência inevitável o atrelamento da pesquisa a interesses privados e a criação de espaços na universidade que a comunidade acadêmica não pode utilizar”, critica.

Apesar dos investimentos realizados, UFPR precisa ocupar os espaços de forma racional

A necessidade de espaço físico está entre as principais reivindicações dos docentes da UFPR. Mesmo que diversas obras estejam em andamento na Universidade, que prédios e blocos tenham sido inaugurados, a demanda por mais salas de aula, laboratórios e infraestrutura ultrapassa a ampliação realizada na UFPR.

De acordo com, o pro-reitor de administração Paulo Krüger, além dos recursos limitados, que provêm do próprio orçamento da instituição, de programas como o Reuni e de ementas parlamentares, outra questão que dificulta o processo de ampliação é a pouca estrutura que a UFPR tem para acompanhar as demandas na velocidade com que elas surgem.

“A nossa estrutura é acanhada para o volume de obras e manutenções existentes, não há reposição imediata de pessoal. Nós temos uma série de entraves burocráticos que fazem com que os nossos processos fiquem mais lentos e não acompanhem a demanda necessária”, coloca o pró-reitor.

A Universidade possui sete engenheiros civis para acompanhar o andamento de cerca de 80 obras, entre pequenas reformas, construções e ampliações. Cabe ao Ministério da Educação conceder as vagas para ampliação do quadro de servidores

e não há previsão para aumento de pessoal.

Krüger afirma que, mesmo com a quantidade de obras que são desenvolvidas na UFPR hoje, os projetos resolvem os problemas em partes. “A maioria das obras realizadas são de demandas antigas, em 2010 surgiram novas necessidades. Sendo otimista, acredito que iremos estabilizar a situação ao final de 2011”. Entretanto, é preciso considerar o aumento pelo qual os setores passaram e também as pós-graduações que em um curto período de tempo dobraram em quantidade.

A APUFPR-SSind acredita que uma nova metodologia de ocupação racional dos espaços físicos da Universidade precisa ser pensada e, nesse processo, é fundamental a participação dos docentes, técnicos-administrativos e estudantes para que o debate sobre os rumos da universidade pública seja, de fato, democrático e envolva o conjunto da comunidade acadêmica.

“As decisões que hoje são tomadas pela administração da UFPR, juntamente com o Plano Diretor, precisam se tornar coletivas, e as pessoas que trabalham e estudam nesse espaço devem ter voz. Hoje sofremos consequências, devido à ausência de uma discussão ampla e se não avançarmos nessa ques-

ção, nosso quadro se agravará ainda mais”, declara a presidente da APUFPR-SSind Astrid Avila.

Avila afirma que a forma de utilização dos espaços e os projetos de construção devem ser planejados com o conjunto da comunidade acadêmica, superando a estrutura vertical de decisão e a fragmentação imposta pelo limite dos departamentos e setores. “Nós temos que pensar que as necessidades de anos atrás estão sendo, minimamente, supridas agora, mas como a Universidade vai agir com as metas que se comprometeu quando aderiu ao Reuni, por exemplo? Novos alunos entram na Universidade e a situação não vai estar melhor para eles”.

Segundo a presidente, utilizar a estrutura que temos hoje ao máximo, com salas de aula e laboratórios usados nos três turnos, não resolve todos os problemas em relação às demandas por espaço.

A política de criação de novos cursos e a forma como são disponibilizados para a comunidade acadêmica precisam ser revistas. “Enquanto novas turmas e pós-graduações forem criadas sem estrutura, sem salas de aula e laboratórios equipados à disposição para receber os alunos, nada terá mudado, e continuaremos trabalhando sob um método precário e ineficaz”, afirma Avila.



Prezado Docente

A APUFPR-SSind não é contrária às obras que estão em andamento na Universidade, mas discorda da forma com que esses processos têm se dado em seu interior

O problema consiste em abrir novas vagas, sem as condições necessárias para garantir a qualidade, além da demanda histórica que a UFPR possui.

Pensar nestes espaços é prever essas necessidades, para que elas não sejam sempre maiores do que as verbas que surgem para resolver os problemas.

Professor, faça sua denúncia através do e-mail imprensa@apufpr.org.br ou procure o sindicato. O objetivo da próxima edição é ampliar a discussão sobre os problemas de espaço que permeiam a UFPR.

EXPEDIENTE

Informativo De olho na UFPR

Publicação mensal da Associação dos Professores da Universidade Federal do Paraná | Seção Sindical do Andes - Sindicato Nacional

Diretoria - Gestão 2009/2011

Presidente: Astrid Baecker Avila

Vice-presidente: Ivan Domingos Carvalho Santos

Secretário-geral: Luis Allan Künzle

1º Secretária: Carmen Lúcia Fornari Diez

Tesoureiro: João Francisco Ricardo Kastner Negrão

1º Tesoureiro: Fabiano Abranches Silva Dalto

Diretor Administrativo: Guilherme Souza Cavalcanti de Albuquerque

Diretor Cultural: Rodrigo Rossi Horochovski

Diretor de Esporte: Walfrido Kühl Svoboda

Diretor Jurídico: Herrmann Vinicius de Oliveira Muller

Diretora Social: Elizabeth Garzuze da Silva Araújo

Diretor de Imprensa: Marcelo Sandin Dourado

Fale Conosco

Endereço: Rua Alcides Vieira Arcoverde, 1305, Jardim das Américas

CEP 81520-260 - Curitiba, PR - **Tel.:** (41) 3078-2424

www.apufpr.org.br

Produção

Studio Art - Comunicação Integrada | (41) 3026.0630

Equipe de Redação: Dalane Santos, Thaise Mendonça e Larissa Amorim

Revisão - Fabiane Ariello DRT/PR 6485

Projeto Gráfico - Guilherme Mikami

Diagramação - Larissa Amorim e Linecker Oliveira

Tiragem - 3.000 exemplares

Distribuição gratuita e dirigida

Os textos desta publicação estão de acordo com as novas regras